

**CURRÍCULOS E POÉTICAS  
COTIDIANAS: artes como criações de  
resistências e (re)existências  
'dentrofora' das escolas**

**CURRICULUMS AND DAILY POETICS:  
arts as creations of resistance and  
(re)existentes 'inside-outside'  
cholos**

**CURRÍCULOS Y POÉTICAS  
COTIDIANAS: las artes como  
creaciones de resistencias y  
(re)existencias 'dentro/fuera' de las  
escuelas**

**Resumo:** Esta conversa-artigo resulta dos estudos com os cotidianos e encontros diversos com as artes e as dimensões éticas, estéticas, poéticas, políticas proporcionadas pelos encontros, narrativas, e afetações a partir das inúmeras redes educativas que formamos e que nos formam. Para problematizar os currículos 'dentrofora' dos 'espaçostempos' escolares, a metodologia de pesquisa aqui apresentada se baseia na potência das conversas como mobilização do pensamento, das criações, de deslocamentos de nós mesmos e de um 'fazerpensar' docente que ousa desejar e criar ao resistir, (re)existir e experimentar novas versões de mundo e outras configurações curriculares e poéticas cotidianas. No decorrer destas páginas traremos o pensamento acerca das artes, das imagens e dos sons como acontecimentos, aqueles que se dão em movimentos nômades de deslocamentos, apropriações e agenciamentos outros de 'sentirpensaragir'. Por fim, a estrutura em disciplinas, imposta pela Modernidade e marcada por dicotomias, também será colocado em conversa neste artigo, já que as criações curriculares com as artes atravessam e sacodem os documentos normativos e a construção linear e hegemônica dos saberes.

**Palavras-chave:** Currículos. Criações com as artes. Poéticas cotidianas.

Recebido em: 31/10/2023

Aceito em: 24/11/2023

Publicação em: 26/12/2023



Revista Espaço do Currículo

ISSN 1983-1579

Doi: 10.15687/rec.v16i3.68480

<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php>

**Noale de Oliveira Toja**

Doutora em Educação

Professora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil.

E-mail: [noaletojaz2@gmail.com](mailto:noaletojaz2@gmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1207-2795>

**Talita dos Santos Malheiros Gregorio**

Mestra em Educação

Professora de Artes Visuais da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, Brasil.

E-mail: [tatalmalheiros@yahoo.com.br](mailto:tatalmalheiros@yahoo.com.br)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9672-1862>

**Júlia da Silva Lima**

Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil.

E-mail: [jjduarte08@gmail.com](mailto:jjduarte08@gmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3640-0589>

**Como citar este artigo:**

TOJA, N. O.; GREGORIO; T. S. M.; LIMA, J. S. CURRÍCULOS E POÉTICAS COTIDIANAS: artes como criações de resistências e (re)existências 'dentrofora' das escolas. **Revista Espaço do Currículo**, v. 16, n. 3, p. 1-17, 2023. ISSN 1983-1579. DOI: <https://doi.org/10.15687/rec.v16i3.68480>.

**Abstract:** The present conversation-article results from everyday life studies and diverse encounters with the arts and ethical dimensions, aesthetics, poetics, politics provided by meetings, narratives, and affects of countless educational networks we formed and form us. To problematize 'inside-outside' curriculum of school 'spaces-times', the research methodology present is based on the potentiality of conversations as thought's mobilization, creation's mobilization, displacements of ourselves mobilization and of a 'do- think' instructor who dares to desire and to create by resisting, (re)exist and experience new versions of the world and others curriculums and poetics configurations of daily routine. Throughout these pages, we will reflect on the arts, images, and sounds as events, those that become of nomadic movements of displacement, appropriation and other agencies of 'feel-think-act'. Lastly, the structure in disciplines, imposed and marked by Modernity and dichotomies, will also be put into conversation in this article, since curricular creations with arts cross and shudder normative documents and the linear construction and hegemonic knowledge.

**Keywords:** Curriculums. Creations with the arts. Daily poetics.

**Resumen:** Este artículo-conversación es el resultado de estudios con la cotidianidad y los diversos encuentros con las artes y las dimensiones éticas, estéticas, poéticas y políticas que aportan los encuentros, narrativas y afectaciones de las numerosas redes educativas que formamos y que nos forman. Con el objetivo de problematizar los currículos "dentro" de los "espacios-tiempos" escolares, la metodología de investigación que aquí se presenta se basa en el poder de las conversaciones como movilización del pensamiento, las creaciones, los desplazamientos de nosotros mismos y un "hacer" docente que se atreve a desear y crear resistiendo, (re)existiendo y experimentando nuevas versiones del mundo y otras configuraciones curriculares y poéticas cotidianas. A lo largo de estas páginas traeremos el pensamiento sobre las artes, las imágenes y los sonidos como acontecimientos, aquellos que tienen lugar en movimientos nómadas, de desplazamientos, apropiaciones y otros ensamblajes de 'sentir-pensar-actuar'. Finalmente, en este artículo también se discutirá la estructura en las disciplinas, impuesta por la Modernidad y marcada por dicotomías, ya que las creaciones curriculares con las artes atraviesan y sacuden los documentos normativos y la construcción lineal y hegemónica del conocimiento.

**Palabras clave:** Currículos. Creaciones con las artes. Poéticas cotidianas.

## 1 PARA INÍCIO DE CONVERSA ...

Iniciamos essa prosa apresentando um pouco de nossas investigações com os cotidianos nas quais estamos completamente entrelaçadas e mergulhadas. Estudar e pesquisar com os cotidianos é entender que as narrativas, os sons, as imagens, os sentimentos, os toques, os gestos e os gostos são criadores de 'conhecimentossignificações' dos 'praticantespensantes' desses 'espaçostempos' que são tão complexos, ricos e inaprisionáveis. É nas relações com os múltiplos outros que 'aprendemosensinamos'. São nos movimentos da vida que tecemos e somos tecidas por um emaranhado de redes educativas que formamos, que nos formam e nos transformam a todo momento.

Baseada na potência dos encontros, a nossa metodologia de pesquisa encontra nas práticas cotidianas inúmeras possibilidades de expansão de uma coletividade intensa e criativa, capaz de transformar o ideal em possibilidades diversas de fazeres e saberes "para além das macronegociações políticas e econômicas" (ALVES, 2019, p. 19).

Para isso, inúmeros movimentos são necessários para pensarmos as 'prácticasteorias' 'dentrofora' das escolas e como os encontros criam 'conhecimentossignificações' curriculares constantes. Esses movimentos nos indicam alguns caminhos que devemos seguir nos processos de pesquisa, mas que nunca são estanques ou definitivos, podendo mudar à medida que mergulhamos neles. São estes atualmente: 1. O sentimento do mundo; 2. Ir além do já sabido; 3. Criar nossos "personagens conceituais"; 4. Narrar a vida, literaturizar e audiovisualizar a ciência; 5. Ecce Femina; 6. A circulação dos 'conhecimentossignificações' como necessidade.

Esses movimentos, que foram publicados em 2001, e se atualizam a cada vez que em nossas pesquisas, são apresentadas questões outras que nos forcem ir além das noções criadas por nós, no grupo, e nas diferentes pesquisas que ele desenvolve. Assim, ampliamos os sentidos, já que se trata de

movimentações de vidas, de ideias e pesquisas. “Virar de ponta cabeça”, “Beber em todas as fontes”, “Audiovisualizar (ficcionar) a ciência” e “A circulação dos ‘conhecimentossignificações’ como necessidade” são exemplos deste constante repensar e conversar sobre nossas práticas como educadoras e pesquisadoras.

Como sentido hegemônico afirmado pela Modernidade, o olhar deixa de ter um papel primordial (PALLASMAA, 2011), nos estudos com os cotidianos. Nossos muitos sentidos estão em jogo nesse complexo mergulho nos diferentes e múltiplos ‘*espaçostempos*’. Dessa forma, além de apenas ver o que se apresenta em nossa volta, devemos ouvir, sentir, tocar, cheirar e degustar tudo que nos é ofertado pelos cotidianos. Sabe aquele cheirinho delicioso de comida que sai do refeitório e adentra as nossas salas de aula sem permissão? E aquele barulho característico das crianças brincando no recreio? Um abraço carinhoso dos estudantes quando entramos ou saímos das aulas... Para Alves (2019), em seu primeiro movimento necessário às pesquisas com os cotidianos, são ações e acontecimentos – nesse caso, nos cotidianos escolares – que devem ser percebidos com todos os sentidos. Devemos estar abertos e atentos aos tantos estímulos capturáveis não somente pelo olhar, mas, também, pelo tato, pelo paladar, pelo olfato e pela audição, para que não nos isolemos das tantas experiências sensoriais desse mundão.

Complementamos com Pallasmaa (2011, p. 37) quando ele também nos indica que

a ideia de que a visão é o nosso sentido mais importante está bem mais arraigada em fatos fisiológicos, perceptuais e psicológicos. O problema advém do isolamento dos olhos de sua interação com as outras modalidades sensoriais e da eliminação e supressão dos demais sentidos, o que cada vez mais reduz e restringe a experiência de mundo à esfera exclusiva da visão. Essa separação e redução fragmentam a complexidade, a abrangência e a plasticidade inatas do sistema sensorial, reforçando uma sensação de isolamento e alienação.

Uma outra ideia apresentada por Alves (2019) – as redes educativas – nos faz observar e perceber como as questões sócio-históricas que nos envolvem são capturadas pelos ‘*praticantespensantes*’ das pesquisas com os cotidianos e são assumidas nos currículos.

Para entendermos as articulações e as marcas que carregamos pelas diversas relações com muitos outros ‘*praticantespensantes*’ dos cotidianos, Alves (2019, p. 115) nos atenta para esses ‘*espaçostempos*’ de “reprodução, transmissão e criação de ‘*prácticasteorias*’ que se articulam permanentemente”, as quais ela denomina de “redes educativas”. Ao se inter-relacionar umas com as outras, por vezes com intensidades diversas, essas redes que nos formam e que ajudamos a formar criam práticas e formas de pensamentos – teorias – indispensáveis ao viver cotidiano e ao currículo.

Essas redes são, segundo Alves (2019, p. 115):

[...] das ‘*prácticasteorias*’ da formação acadêmico-escolar, das ‘*prácticasteorias*’ pedagógicas cotidianas, das ‘*prácticasteorias*’ de criação e “uso” das artes, das ‘*prácticasteorias*’ das políticas de governo, das ‘*prácticasteorias*’ coletivas dos movimentos sociais, das ‘*prácticasteorias*’ das pesquisas em educação, das ‘*prácticasteorias*’ de produção e ‘usos’ das mídias e das ‘*prácticasteorias*’ de vivências nas cidades, no campo e à beira das estradas.

E por ser tão plurais e fascinantes, os cotidianos exigem “um constante repensar das nossas práticas como pesquisadores” (ANDRADE; CALDAS; ALVES, 2019, p. 20), educadores e atuantes nos/com os coletivos. Somos atravessadas por pessoas comuns e por elas somos recriadas através de histórias, narrativas, imagens, sons e sentimentos.

As nossas relações com a família, escola, religião, com as ruas, com a cultura, com as artes, com as mídias, nas lutas sociais e políticas, com a universidade... nos constituem constantemente como “cidadãos, trabalhadores, seres políticos, sociais e históricos” (ALVES, 2019, p. 115) atuantes nas tantas dimensões cotidianas. Nossas ações sempre serão permeadas por afinidades, repulsas, trocas, negociações e marcas proporcionadas pelas redes que se entrelaçam em nós.

Com isso, nos damos conta de que, nos processos curriculares, didáticos e pedagógicos, somos

todos *'docentesdiscentes'* ao *'aprenderensinar'* uns com os outros diariamente. Nas salas de aulas e em tantos outros *'espaçostempos'* escolares, todos têm algo a ensinar para quem quer que seja. Trocas, cruzamentos de histórias e memórias, trajetórias de vidas. Sem o real compromisso com a veracidade dos fatos, tais enredos sempre significam algo para quem conta e para quem os escuta. No encontro com outro sempre deixamos e/ou levamos algo. Tessituras mágicas de nós mesmos.

Por isso, que as conversas e as narrativas têm papéis fundamentais em nossos estudos. Entendidas como metodologias de pesquisa com os cotidianos, as memórias, os pensamentos, as vozes e as redes dos docentes e pesquisadores fazem surgir novas e inúmeras possibilidades de articulações curriculares. Sempre diversas, as narrativas fazem emergir muitas realidades possíveis, situações diversas e inusitadas, soluções criativas e inéditas, e *'conhecimentossignificações'* que circulam *'dentrofora'* das escolas.

E mais uma vez Andrade, Caldas e Alves (2019, p. 203-204) nos mostram que:

Desse modo, entendemos que, nessas *'conversas'*, interessa-nos conhecer o que ocorre nas escolas, pela versão que lhes dão os tantos *'praticantespensantes'* que por elas circulam e, mais ainda, interessa-nos: conhecer as negociações de diversos tipos que são necessárias e estão presentes nelas, seja em disputas por hegemonia, em lutas políticas diversas - locais ou globais - em contradições ideológicas, em crenças de múltiplas origens, o que produz memórias de inúmeros tipos e permitem ações curriculares diversificadas; produzir o levantamento de possibilidades curriculares que aparecem sendo vividas cotidianamente; buscar perceber as articulações entre *'conhecimentossignificações'*, conteúdos e processos curriculares realizados ou possíveis de imaginar, tanto quanto os processos que podem acontecer a partir dali ou que poderiam ter acontecido se...

Conversar é deslocar o pensamento, se relacionando constantemente com a ordem e com o caos. É permitir que as vozes/palavras dancem livremente. É fazer da linguagem, dos gestos, das imagens e dos sons um veículo de conexão. Mas entender que em momentos de silêncio também há deslocamentos. É caminhar sobre linhas arbitrárias. Deixar que o verbo e o verso (in)transitem por múltiplas direções. É um *'espaçotempo'* sensível de trocas de sentidos, de trajetões. É acontecimento, afetação. Um território de passagem e abertura ao novo, ao inesperado. É reverberar aquilo que transborda e abrir *'corpomente'* para belas experiências. É se encantar com os encontros e saber lidar com os desencontros. É captura de instantes. Cultivo da beleza dos compartilhamentos. Constituição de um coletivo. Fabulações.

Para Carvalho (2006, p. 282),

[...] na conversação, a participação dá lugar à pluralidade e à polifonia, assumindo-se, assim, um estado descentrado, de tal modo que é a pluralidade e não o Eu ou o Outro que será o foco do encontro. Entretanto, a conversação não acontece sem ser criada e sustentada pela participação ativa, que combina em si duas dimensões: a poética da participação e a sociabilidade, articulando vozes, assuntos, em participação criativa, de modo que tornem possível a multiplicidade partilhada, conversação recriadamente aberta e inacabada.

Sem o compromisso imediato de se chegar a um consenso, conversar integra o pensar e o dizer sobre o momento vivido. Ao entrarmos nesse terreno de negociações/conversações/aproximações com os *'praticantespensantes'* dos cotidianos, “apostamos na atitude política de pensar com eles e não para ou sobre eles” (FERRAÇO; ALVES, 2018, p. 52).

E essa “arte de conversar” (CERTEAU, 2014), que é tão cara para as pesquisas com os cotidianos, nos fazem pensar acerca das vozes que sempre nos convidam ao debate, ao combate e que desestabilizam, de alguma forma, as nossas certezas e formação cartesiana. Se por um lado o ato de conversar nos coloca diante do entrelaçamento de caminhos, trilhas e redes dinâmicas de prazeres e interesses, por outro lado, nos convida a dançar com as mudanças de rumo e de perspectivas, a flertar com “um efeito provisório e coletivo de competências na arte de manipular “lugares-comuns” e jogar com o inevitável dos acontecimentos para torná-los “habitáveis” (CERTEAU, 2014, p. 49).

Ou seja, o que os *'praticantespensantes'* dos cotidianos pensam, narram, vivem e criam ecoa nos currículos e neles reside. *'Aprendemosensinamos'* juntos e a todo momento. Contamos nossas histórias todos os dias, a cada escolha que fazemos. E as conversas e narrativas são partes fundamentais e integrantes desse processo coletivo.

## 2 POR ONDE ANDAMOS

### Aforismo de descurricularizar um currículo

Um currículo em devir-criança é possível?

O que pode um currículo crianceseiro?

O que pode um currículo arteiro?

O que pode um currículo infantil? Infantilizar o currículo é possível?

E se um currículo fosse muitos? Nos plurais?

para ser lambido, babado, melado – currículo pirulito –

lírico, alvoroçado, festivo – currículo palhaço

vassoura, gancho, ponte, estrada, cama – currículo brinquedo

delirante, embriagante, insano – currículo brigadeiro

misterioso, profano – currículo só-riso

falante, barulhento, cortante, extravagante – currículo periquito

onde às coisas que não servem para nada – currículo-inutilizas

E se ele não desejasse formar? Mas...

Experimentar mundos

Correr mundos

Cair nos mundos

Ser de outros mundos

Girar mundos

Viver (extensivo e intensivo) no mundo da lua, do sol,

de todos os astros, constelações e e e e e

Petecar mundo

Saltitar mundos e fundos

Sair do mundo

E se ele não tivesse vontade de enunciar verdades

resididas em lugar fixo, mas fizesse morada ...

Sob a pele do chão

Em terra chã e safada

Na comunhão com bandos e matilhas

Nos corpos vibrantes e desejanter

Nos resíduos, nas miudezas, nos inutensílios e ignoranças

No vento cumprido que vai para além do mundo

Como fazer para si um currículo em estado árvore,

em estado infância?

(LEITE; CHISTÉ; CAMMAROTA, 2020, p.116)

Caminhamos pelas artes assim como quem se desloca por territórios imprecisos e movediços. Como pesquisadoras que compreendem que aquilo que pensado, sentido e criado pelo povo, pelos ‘*praticantespensantes*’ dos cotidianos, também é e pode vir a ser arte.

Portanto, não apresentaremos aqui as artes que se encaixam somente numa disciplina e que dizem respeito somente aos professores que são licenciados para falar, usar ou criar com elas. Não escrevemos sobre as artes que estão guardadas ou expostas nos grandes museus, nas galerias ou salões nacionais e internacionais. Nem sobre aquelas feitas por grandes artistas há muitos séculos, décadas ou anos atrás. ‘*Vemosouvimosentimospensamos*’ o agora, a vida! Poéticas cotidianas que nos impulsionam para além das estruturas disciplinares e dos currículos normativos. Que promoveram processos de subjetivações criativos, que escorregaram pelos planejamentos prévios e existiram e resistiram ‘*dentrofora*’ dos ‘*espaçostempos*’ escolares. Corpos que foram afetados conjuntamente pelas artes e por elas foram conduzidos a outros belos e novos caminhos.

Experiências éticas, estéticas, políticas e poéticas que nos atravessaram antes e durante o período pandêmico. Imagens/criações singulares que mostraram escapes das uniformidades e apagamentos. E que me fizeram entender que nenhuma fala ou ação são neutras, ainda mais quando usamos as artes e os artefatos culturais como criadores de novos e diversos ‘*conhecimentossignificações*’. Outras experimentações de mundo. Deslocamentos.

Vale lembrar que somos marcadas pelas disciplinas escolares e acadêmicas. Fomos e ainda somos disciplinadas por elas, inclusive. E por isso, pensar para além delas ainda é um desafio e tanto para nós docentes e pesquisadoras. Isso não quer dizer que devemos deixar essa conversa de lado ou para outra hora. Pelo contrário, é urgente que falemos sobre essa fissura no campo do conhecimento, entendendo que as artes são potentes artefatos de travessia dessas barreiras que enrijecem os ‘*corposmentes*’ de nossos estudantes.

Talvez valesse lançar mão das artes para ‘*sentirpensar*’ os currículos e a criação de ‘*conhecimentossignificações*’, a partir de uma composição (TADEU, 2002), entre as diferentes áreas de conhecimentos, escapando das hierarquizações e especializações disciplinares. Com esses gestos e modos de ‘*sentirpensar*’, vamos narrar três ações que mostram como a arte nos ajudou acessar ambientes sensíveis de nossa humanidade, na criação de outros currículos possíveis, envolvendo distintas áreas do conhecimento.

## 2.1 Ações curriculares com as artes no ensino superior

a primeira pessoa soa como eu sou a segunda pessoa soa como tú és

a terceira pessoa soa como ele e ela também

qualquer pessoa soa, toda pessoa boa soa bem.

Gilberto Gil (O som da pessoa, 2006)

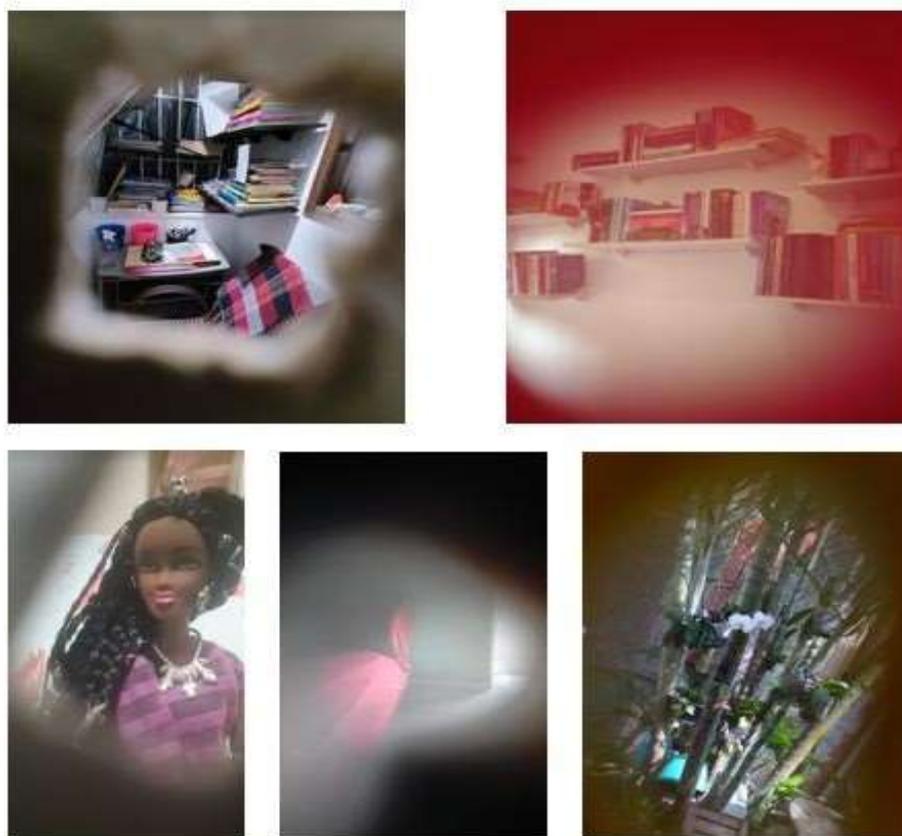
[Gilberto Gil - "O Som Da Pessoa" - Gil Luminoso](#)

Em 2021, realizei meu grande sonho: ser professora na Universidade e no curso que me formou pedagoga, na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – FFP/UERJ. Entrei como professora substituta para trabalhar com o componente curricular: Pesquisa IV. Ainda on-line, por conta da pandemia, experimentamos trabalhar com a Pesquisa IV fazendo uso dos artefatos tecnológicos como os celulares, numa apropriação de um dispositivo que pudesse nos aproximar de conversas em torno das ‘*prácticasteorias*’ do pesquisar e, ao mesmo tempo, criar aproximações entre nossos corpos, afetos e emoções, mesmo mantendo o distanciamento físico. Aqui vou narrar histórias de três turmas que estão neste atravessamento de me ‘*fazersentirpensar*’ ‘*professorapesquisadora*’.

A turma, em sua maioria mulheres, estudantes de pedagogia, e alguns rapazes – desta turma e

alguns da geografia. Iniciamos nossos encontros com uma apresentação a partir de uma foto feita pelo celular, com a orientação de que cada um deveria fazer um pequeno furo num papel, colocá-lo diante da câmera e fotografar um canto, um ambiente, um objeto que, naquele momento pandêmico era seu ambiente de acolhimento. Nas conversas acerca das imagens criadas, fomos tecendo outros fios, buscando identificar as questões que passavam pela pesquisa e nossos afetos.

Figura 1 – Imagens criadas pelas/os estudantes, feitas com furo diante da lente do celular



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

O que tem de tão íntimo em nós, que pode ser evidenciado por meio de um pequeno furo que nos mobiliza a buscar aquilo que investigamos? O furo é um movimento simbólico, um descolamento, à medida que temos que buscar o material que irá ser furado, o outro que irá perfurar, em experiências de afetações entre as matérias e as estudantes do curso de Pesquisa IV. Neste movimento, foi possível perceber as instabilidades e incertezas que este ambiente da pesquisa nos reserva. A figura 1 apresenta essas inúmeras possibilidades de sensibilizações.

O fato de ter que escolher um espaço, um canto, um objeto, se colocar diante dele com um corpo flexível, um olhar suspenso pela tentativa de buscar o foco e o deslizamento que o olhar faz, provocando o desconcerto em todo corpo, causando outras sensações de desconforto, nos faz perceber o quanto este ambiente da pesquisa não é lugar comum, não é hegemônico, não é seguro e está repleto de sensações que reverberam o presente vivo, de atenção plena.

A arte no ambiente da pesquisa nos faz perceber as nuances entre os deslocamentos, as apropriações e as relações. À medida que eu, enquanto *'professorapesquisadora'*, as estudantes e os estudantes pesquisadores, nos colocamos nas condições de nos apropriarmos daquela experiência artística, lúdica, livre, para mobilizar nossos corpos e emoções, para sustentar uma captura de imagem segurando um papel com um minúsculo furo, posicionado diante da câmera do celular e capturar uma cena, nos colocamos em deslocamentos para as experiências diante da escolha de um tema, sua abordagem, a atenção ao autocontrole e à liberdade. Assim, fazemos as relações entre uma experiência e outra, a experiência de investigar nossas mobilizações diante de uma brincadeira de capturar uma imagem e a experiência de perceber nossas ações, emoções, pensamentos diante da manifestação da

brincadeira, como um ambiente de liberdade criador de fabulações na potência do brincar (TOJA, 2021), que nos permite envolver com a pesquisa na educação.

Outra experiência, para trazeremos a relação de distanciamento e aproximação, que estávamos vivendo na pandemia e que reverberou na pesquisa, foi fotografar um mesmo objeto com o celular, usando o zoom digital do celular, a aproximação do corpo e o distanciamento. É uma experiência que revela a particularidade daquelas pessoas que estão envolvidas nestes encontros; é um jeito poético de conhecer um pouco quem é esta e este estudante pesquisadora, pesquisador, que compartilha conosco generosamente momentos de sua intimidade, que nos ajudam a entender o que elas e eles buscam em suas pesquisas.

Figura 2 - Jennefer, na pesquisa, com a aproximação do zoom digital, com o corpo e o distanciamento



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Figura 3 – Daniele, na pesquisa, com a aproximação do zoom digital, aproximação com o corpo e o distanciamento



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Figura 4 - Priscila na pesquisa com a aproximação do zoom digital, aproximação com o corpo e o distanciamento



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

A intenção foi acessar as sensações que os corpos experimentam nesses três movimentos, como a instabilidade, a perda de foco, a concentração em todo corpo, a dispersão do objeto, como uma porta aberta a tudo aquilo que vai se materializando e a própria relação entre distanciamento e aproximação, tão discutida enquanto a postura da pesquisadora e do pesquisador nos processos da pesquisa, como a própria relação de objeto e sujeito da pesquisa. As figuras 2, 3 e 4 exemplificam bem esses movimentos de criação diante dos objetos escolhidos. Pesquisadoras e pesquisadores imersos na ideia da pesquisa

nos/dos/com os cotidianos não tratam a pesquisa como algo que é “sobre, acima de...”. Não é um objeto de pesquisa isolado, inanimado, e as pesquisadoras e os pesquisadores não são uma entidade a parte da pesquisa (ANDRADE; CALDAS; ALVES, 2019).

Nesta experiência, conversamos acerca de como aquele objeto fotografado se comporta diante do movimento daqueles corpos, como eles se afetam e como essa afetação também nos afeta. Esse material, produzido ao longo desse processo – tanto as imagens quanto as conversas – vai nos aproximando das metodologias de pesquisa com os cotidianos, onde entendemos que não há essa divisão entre objeto e sujeito da pesquisa, já que ambos se afetam e afetam o processo da pesquisa numa tessitura que causa um efeito de cocriação. Vamos percebendo que, ao longo do trabalho, com algumas repetições que a pesquisa provoca, os *‘praticantespensantes’* vão ficando mais vulneráveis aos acasos (OSTROWER, 1999) e aos acontecimentos (DELEUZE, 1980). Essa vulnerabilidade não é ruim; ao contrário, ela só existe porque se permitiu abrir a guarda do controle, porque se permitiu vagar pela pesquisa. Paradoxalmente, quanto mais se trabalha, aparentemente, se repetem os movimentos, se persegue caminhos e o acaso se evidencia, porque é justamente na dedicação atenta da pesquisa que o inesperado surge, porém, estamos preparados para ele, o inesperado.

O acaso, que acontece de maneira despretensiosa, exige uma atenção para ser percebido como tal. Na arte desenvolvemos nossos trabalhos por meio do que chamamos de inspirações apresentadas pelo acaso. Algo que parecia estar ali e não percebíamos. Surge como o inesperado e aí dizemos: “e por acaso isto apareceu” (TOJA, 2021, p. 54).

A inspiração do acaso é incendiada por Fayga Ostrower, pesquisadora na sua ação artística. No seu processo criativo e investigativo, persegue o novo na repetição dos traços e acessa outras linguagens e movimentos. Artista plástica, *‘sentepensa’* a arte e a ciência, ambientes de entrosamento, abertos aos acasos:

[...] para se tornarem acasos, os fenômenos teriam que ser percebidos por nós. Vale frisar este ponto, pois, na verdade, o próprio tecido da vida não é senão uma infinita teia de acasos. No contínuo fluir, há uma sucessão de eventos que, embora ocorrendo em conjunto, resultam de causas aparentemente desconexas entre si e fora do nosso controle – acasos sempre em relação à nossa existência individual. A cada instante nos chegam incontáveis estímulos de toda sorte: visuais, acústicos, tácteis, olfativos, cinéticos, em sensações e situações das mais diversas. Seria humanamente impossível captar a totalidade dos eventos. De fato, permanecem indiferentes a vasta maioria – nem chegamos a percebê-los conscientemente e não lhes prestamos atenção. Registramos alguns apenas. Estes poderão tornar-se acasos (OSTROWER, 1999, p. 3).

Assim, como o acaso, o acontecimento se materializa quando estamos atentos para aquilo que foge do programa, do preestabelecido, das normatizações (TOJA, 2021). O acontecimento é o que acontece no seu instante presente, no mesmo momento em que acontece. É a particularidade, a ação da pesquisa, com o que ela nos atravessa, afeta, movimenta, com o que se espera disto (ALVES, 2003), e evidencia a importância da atenção ao acontecimento nas tessituras de nossas redes educativas e como a arte favorece esses movimentos:

As mudanças na história são, assim, trançadas em nosso dia a dia de modos não detectáveis no momento mesmo de sua ocorrência, mas em lances que não prevemos, nem dos quais nos damos conta no momento em que se dão e onde se dão, mas que vão “acontecendo”. Os trabalhos que se preocupam com o cotidiano da escola e com os diferentes modos culturais aí presentes partem, então, da ideia de que é neste processo que aprendemos e ensinamos a ler, a escrever, a contar, a colocar questões ao mundo que nos cerca, à natureza, à maneira como homens/mulheres se relacionam entre si e com ela, a poetizar a vida, a amar o Outro. Ou seja, ao mesmo tempo que reproduzimos o que aprendemos com as outras gerações e com as linhas sociais determinantes do

poder hegemônico, vamos criando, todo dia, novas formas de ser e fazer que, “mascaradas”, vão se integrando aos nossos contextos e ao nosso corpo, antes de serem apropriadas e postas para [uso], ou se acumulem e mudem a sociedade em todas as suas relações. É, pois, assim que aprendemos a encontrar soluções para os problemas criados por soluções encontradas anteriormente. No entanto, é preciso ter, de modo permanente, a atenção desperta, porque as tentativas de “aprisionar” este processo são violentas e moralistas, sempre. Mas o tempo todo, também, aparecem maneiras de burlar o que querem “estabelecido”, “instituído” para sempre, surpreendendo até mesmo quem as empreende no que trazem de singular, e mesmo nos modos como se generalizam. [...] Todos esses processos se dão em ações que não planejamos, necessariamente, mas que se apresentam como “táticas de praticantes” (Certeau, 1994), em seu viver cotidiano, permitindo a *tessitura de acontecimentos culturais* que vão mudando a vida e os contextos em que ela se realiza (ALVES, 2003, p. 66).

As pesquisas com os cotidianos, numa tessitura curricular em nossas redes educativas, nos convidam a este ambiente aberto, com fronteiras efêmeras, sem definições pragmáticas, como registrar uma cena por meio de um orifício, porque o tamanho do orifício, o tipo de perfuração, irá depender do material perfurante, do papel ou papelão; a sua cor, inclusive, vai interferir neste registro, assim como a força empregada na perfuração vai fazer com que o orifício possa ter outras formas que escapam da natureza de um furo, tal como imaginamos.

A propósito, juntar arte e pesquisa é vibrar nas emoções e sensações da imaginação. Pesquisar é imaginar; quando criamos nosso projeto de pesquisa, imaginamos os caminhos percorridos, as experiências por ela marcada, vemos como pequenos filmes, suas ações, seus resultados e aí podemos poetizar, radicalizar essa experiência de pesquisadoras, nos permitindo ir além do sabido, do conhecido, e, numa aventura com aquilo que está por vir, se permitir as sensações corpóreas, gestos que nos aproximam de nós mesmos no ato de pesquisar.

Nas aulas, que chamamos de encontros, ao nos desafiarmos a estes deslocamentos, fomos percebendo nossas astúcias e bricolagens (CERTEAU, 2014) na realização de cada um dos experimentos. Algumas pessoas, ao se depararem com o desafio de segurar o papel com o pequeno furo e fotografar através dele, subverteram a orientação e usaram cone feito com o papel, revelando outra estética e outro modo de ‘fazercriar’, conforme a figura 5. Ao escapar de orientações que poderiam ocupar um lugar de regras ou normas, criando outra ética, no cuidado e atenção ao próprio corpo, buscaram-se soluções para situações que podem gerar autoviolência. Então, permite-se imaginar outro suporte, outra matéria, outro modo de existir. Assim, é possível revelar os processos de negociação na pesquisa, tendo como *pano de fundo ou na boca de cena* a ética, a estética na criação poética e política nos modos de ‘fazerpensar’ a pesquisa enquanto ‘discentesdocentes’.

Figura 5 – Bricolagens no movimento do furo

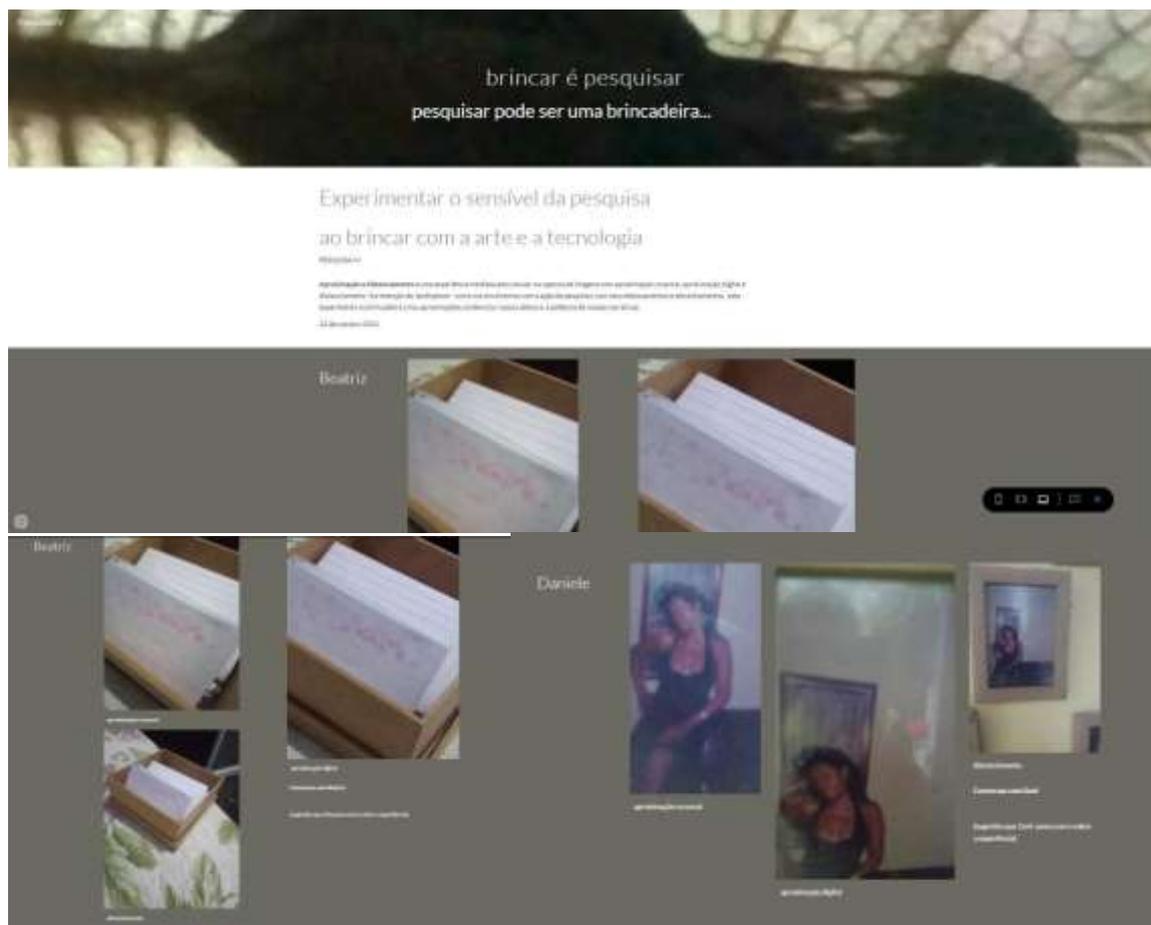


Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Para as estudantes e os estudantes, ao se permitirem estes deslocamentos, puderam questionar o que estavam pesquisando, seus motivos e relevância para si enquanto pesquisadores e para as outras e outros, cocriadores neste processo, buscando seus ‘sentidossignificações’ na ação criadora do pesquisar.

Os trabalhos foram sendo arrumados num ambiente virtual que apresentamos na imagem 6 e chamamos de portfólio digital, para irmos acompanhando nossos processos e disponibilizando para todos da turma. Este é um ensaio de compartilhamento, colaboração, cocriação e evidenciamento de nossa produção numa aparência artística e democrática, já que o grupo define a apresentação do que lhes é comum, resguardando a singularidade de cada pessoa.

Figura 6 – Portfólio digital.



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

O ambiente entre janelas de Meet, janelas da casa, janelas do coração que acolheu o componente curricular: Pesquisa IV passou a ser ponto de encontros para o compartilhamento de conversas, alegrias, desafios, conflitos e a beleza de pesquisar sem medo de ser feliz.

## 2.2 Criações com as artes no ensino fundamental

Mais uma aula de Artes se iniciava em 2019, em uma escola pública da rede municipal de educação da cidade do Rio de Janeiro, na zona Oeste. Seria o início de algumas conversas sobre Arte e Cultura Africana e Afro-brasileira. Com uma imagem colorida e estilizada do continente africano projetada no quadro branco e movida por perguntas e brincadeiras, fiz o seguinte questionamento às crianças do 5º ano do primeiro segmento do ensino fundamental: - Quando a palavra “África” é dita, o que vem à mente de vocês?

Tão logo algumas palavras começaram a ecoar em uma turma de quase quarenta alunos: fome, miséria, deserto, guerras, savana, desnutrição, cabelos crespos, pobreza, pessoas ruins. Tomei um susto! Em seguida, falei as minhas: luta, resistência, coragem, força, história, memória, cultura, identidade,

ancestralidade, guerreiros, heróis, orgulho. Um silêncio se fez. Pontos de interrogação pareciam saltar daquelas cabecinhas.

Mas a minha cabeça era a que mais parecia ‘dar um nó’ naquele momento. O que estaria motivando a fala dessas crianças, em que em sua maioria é negra? Por que outras palavras não foram ditas? Quais vivências, experiências ou silenciamentos aquelas crianças estariam deixando revelar durante a aula? Estes foram alguns questionamentos que me atravessaram naquele momento. Sendo o “exercício da palavra um prelúdio para toda a aprendizagem” (RANCIÈRE, 2020), era preciso escutá-los com atenção, e tentar compreender – ou não – que suas falas eram o resultado das múltiplas relações que se estabelecem ‘dentrofora’ (ALVES, 2019) das salas de aula, das múltiplas redes que os formaram até aquele momento.

Ali entendi que era preciso buscar outras táticas de ‘fazerpensar’ o currículo. Novos discursos, imagens, sons e histórias talvez precisariam ser oferecidos àquelas crianças. A partir de então, e possibilitado pelos usos das artes e dos artefatos culturais – vídeos, desenhos, fotografias, animações, livros –, movimentos de (des)territorialização e ‘conhecimentossignificações’ (ALVES, 2019) outros foram criados ou recriados, passando a compor as ecologias daqueles pequenos ‘praticantespensantes’ dos cotidianos. Segundo Guattari (2012, p. 28):

Em cada foco existencial parcial, as práxis ecológicas se esforçarão para detectar os vetores potenciais de subjetivação e de singularização. Em geral, trata-se de algo que se coloca atravessado à ordem “normal” das coisas – uma repetição contrariante, um dado intensivo que apela outras intensidades a fim de compor outras configurações existenciais.

Os estudantes também experimentaram diferentes amarrações de turbantes – símbolo de identidade e resistência da cultura negra. Criaram desenhos utilizando o grafismo africano inspirado na tecelagem Adinkra. Conheceram as pinturas murais Ndebele, as máscaras rituais de alguns povos subsaarianos e a filosofia Ubuntu. Conversamos sobre racismo e “descobrimos” que não se trata de uma “simples brincadeira ou piada”, mas que se configura como um crime inafiançável e imprescritível, pois viola os direitos humanos e atenta contra a humanidade e a democracia, sujeito à pena de reclusão perante a lei. Informações novas para muitos. Para outros, nem tanto. Olhos, corpos e sentidos atentos às imagens e palavras que ecoavam pelas salas de aula. Muitas dúvidas e questionamentos surgiram. E assim seguimos com as artes para tentar sanar a curiosidade daquelas crianças que ali se identificavam.

- Tia, sabia que eu sou do terreiro? Adoro o som dos tambores. Mas nunca me senti à vontade para falar sobre isso aqui na escola.
- Uma estudante sussurrou baixinho em meu ouvido.
- Ah, que legal! Então vou te contar um segredo: eu adoro o som dos tambores também.
- Nunca imaginei que a senhora gostasse disso! Continuou ela, surpresa.

Nos conectamos com um sorriso e com a certeza de que, pelo menos naquele momento, algo a tinha deixado à vontade para falar de si, de suas escolhas, de suas preferências, de suas angústias. Das conversas tímidas tecidas ao pé dos ouvidos, que foram muitas, inclusive, ficam as marcas dos gestos que nos afetaram mutuamente.

Não sabemos ao certo como o outro ‘aprendeensina’. Não controlamos o que cada um ‘vêouesentepensa’ em contato com as artes e com os artefatos culturais. Somos singulares ao processar símbolos e signos diversos. Somos ‘corposmentes’ curriculares capazes de sermos afetados ‘dentrofora’ dos ‘espaçostempos’ escolares e geralmente o resultado disso tudo aparece em conversas, narrativas e imagens.

Martins (2010, p. 227) já nos chamava atenção para o fato de que

toda criança cresce enquanto brinca com outras crianças, com os objetos, enquanto experimenta seu corpo, pesquisa o tempo, o espaço e as relações no meio sociocultural em que se encontra; enquanto se expressa através do gesto,

do traço, da cor, do grito, do riso, do jogo, do canto, do sonho e da fantasia. Toda criança é lúdica em seu desejo por saber, descobrir, construir ... Toda criança é lúdica enquanto aprende a complexa teia de códigos, signos, significados dos caminhos que deve trilhar para tornar-se sujeito social, para estabelecer vínculos de pertencimento, identidades.

Emanuella, de dez anos, a autora do desenho a seguir, me colocou diante do inusitado e da surpresa. Numa criação sensorial e poética, a estudante me presenteou com esse desenho carregado de um ‘fazersaber’ ético, estético e político, e repleto de simbologias, reconhecimento, autoafirmações e emancipação. Carregado de vozes. Que rasga todo e qualquer poder controlador e silenciador. Um ‘corpomente’ afetado e atravessado pelas artes. Pude sentir seu afeto no momento em que colocou seu desenho em minhas mãos. Fiquei sem palavras por alguns longos segundos.

Reparem nas palavras escritas pela estudante nos cabelos da mulher negra na criação de Emanuella (figura 7). Negra como ela. Uma escrita ainda em processo de uma alfabetização formal, mas que deixa claramente transparecer uma comunicação que pulsa mudança, esperança e uma força indescritível.

- Tia, descobri que meu cabelo e a cor da minha pele são lindos, sabia? E a senhora me ajudou a entenderisso. Toma, esse desenho é seu.
- Mas você não quer ficar com ele? Mostrar seu lindo desenho em casa?
- Não, tia. Fiz ele pra senhora. Muito obrigada por tudo!

Figura 7 – Criação de Emanuella



Fonte: Acervo pessoal (2019).

Um abraço quentinho veio logo em seguida das palavras. Que emoção senti na hora! Tentei devolver o desenho para que ela guardasse, lembrasse de nossas conversas, mostrasse para seus responsáveis, familiares. Mas ela fez questão que ficasse comigo. Nó na garganta... Uma lágrima tímida escorreu em meus olhos no corredor da escola entre uma aula e outra.

Uma experiência estética inesquecível, para nós duas! Uma subjetividade política assentada em “outras matrizes” (LIMA, 2020, p. 238), e que possivelmente se desdobrará em práticas antirracistas no decorrer de sua vida. Uma postura ética e consciente de sua raça, etnia, cultura e identidade frente à sua

afirmação como menina negra. Nossas redes forjaram tal encontro. E saímos dele fortalecidas de nossos papéis sociais perante tal acontecimento cotidiano. Laços que não se desatarão.

O ano era 2016, mais ou menos. Quando eu ainda lecionava em turmas dos anos finais do ensino fundamental, percebi que os adolescentes tinham a necessidade de desenhar palavras ou formas em seus braços. Por vezes, pegavam algumas referências das tatuagens; outras vezes, eram apenas momentos de interação divertida uns com os outros. Alguns se deixavam receber os desenhos, outros apenas desenhavam.

Pensando nisso, reuni imagens de pinturas corporais dos povos originários e da cultura indiana para serem '*vistas ou vistas pensadas*' em sala de aula. Penso ser impossível falar qualquer coisa sobre as artes sem a presença das imagens e sem o auxílio dos artefatos culturais. Conversamos sobre as formas e seus significados culturais, modos de composição, materiais utilizados e suportes que, neste caso específico, eram os corpos. Corpos que se reconfiguram a partir de um acontecimento e de uma intervenção artística.

Assim como Alves, Soares e Caetano (2020, p. 2), também acreditamos que:

A imagem pode aferir formas ao acontecido: ela produz aos/às olhantes a aparência que se faz emergir no lugar da ação política. Nessa lógica, a imagem pode se conformar como espaço da emergência do acontecido, ao mesmo tempo em que opera criações de cenas nas quais os modos de subjetivação são produzidos. Cada imagem se configura com a sua identidade singular que age fora das generalidades e apagamentos.

Combinamos que, após todas as conversas, faríamos um esboço dos desenhos que seriam transferidos para os seus braços, caso assim desejassem. E o desejo foi unânime. Passamos algumas aulas planejando as composições. Misturamos diferentes informações para que imagens autorais fossem criadas. Prezo sempre por criações inéditas a partir do que eles sentem em contato com as imagens. Criamos juntos, sempre. E disponibilizei meus braços para que eles também pudessem desenhar.

Figura 8 – Pintura corporal com canetinhas



Fonte: Acervo pessoal (2016).

Do toque no papel, passamos ao toque no corpo. Ao invés da canetinha deslizar em uma superfície lisa, as pontas dos hidrocores sentiram texturas diversas. A figura 8 apresenta alguns desses caminhos percorridos lindamente pelas canetinhas. Os movimentos dos materiais e dos corpos também interferiram nos resultados finais. Gestos imprevistos geravam formas inesperadas, nem sempre planejadas nos esboços originais. E assim colocamos a nossa pele literalmente a favor das artes. Sem medo e sem pré-julgamentos. Saímos desenhados e felizes da escola.

Potência de *'corposmentes'* em comunhão com artes e com a educação em suas dimensões ética, estética, política e poética. Transbordamento de modos de se narrar e de se apresentar para o outro. Artes e imagens como *'espaçostempos'* de conversa sobre valores, prioridades e escolhas nos processos curriculares *'pensadospraticados'* na escola. Enfim, um currículo que não é cerceado por arbitrariedades político-institucionais, mas que se expande em diferentes direções, conforme os rumos das prosas e dos desejos.

### 2.3 Criações com os sons: o podcast como artefato curricular

Com a pandemia e o distanciamento social não só os medos, as incertezas e a angústia nos acompanhavam, como também o desejo imenso de atravessar essa desordem. A necessidade de atender e estabelecer o contato com os estudantes e os nossos pares nos fizeram buscar modos e possibilidades outras de *'prácticasteorias'* de produção e uso das mídias. Assim como as demais áreas do conhecimento, a educação também redescobriu o som e as possibilidades educativas a partir dos podcasts.

Ao entendermos que a criação dos *'conhecimentossignificações'* não são estanques, que se dão a partir das circunstâncias que vivenciamos para circular e dar seguimento às nossas pesquisas, na turbulência da pandemia de Covid-19 e no período pós pandêmico alguns *'praticantespensantes'* da educação transformaram artefatos culturais e tecnológicos em artefatos curriculares através de diferentes táticas e usos dos sons. Nos encontros de formação de professores experimentamos diferentes maneiras de criar e produzir *podcasts*, ressaltando os múltiplos *'fazeressaberes'* dos *'docentesdiscentes'* e os seus modos de se reinventarem.

O podcast *"Cotidianos e Currículos"* é como o grupo de pesquisa *"Currículos cotidianos, redes educativas, imagens e sons"*, coordenado pela professora Nilda Alves na UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), tem buscado articular os currículos criados nas escolas e nas universidades ao conversar sobre esses *'saberesfazeres'* tão diversos, de modo a perceber de forma coletiva como nos formamos e somos formados por estes tantos *'espaçostempos'* cotidianos. Contamos hoje com mais de 120 episódios semanais e quinzenais envolvendo crônicas, conversas e entrevistas com convidados dos mais diversos lugares do país.

Além disso, este ano, na disciplina *"Tecnologias e Educação"* ofertada no curso de Pedagogia da UERJ, participei de um projeto sugerido por uma professora da área dos Cotidianos e da Cibercultura em que era preciso criar podcasts com cenas ficcionais intituladas de *"Technocontos"*. Dividida a turma em grupos, foram sorteados temas relacionados às tecnologias como inteligência artificial, cyberbullying, telas, memes, ciberdocência, games, entre outros. Era necessário que costurássemos com a educação. E então, conversamos, roteirizamos, produzimos, editamos e aprendemos a ancorar nas plataformas de *streaming*, colocando no ar para circulação.

Esse processo de formação que é tão rico e necessário à formação de professores nos tempos de hoje, criou uma relação intimista e de parceria entre todos os envolvidos neste processo de cocriação, no qual as relações dialógicas, as negociações e práticas coletivas - que nos é cara e importante nos processos curriculares e didáticos - puderam ser observadas e vivenciadas na prática. Trata-se assim de pensarmos em como as produções sonoras criam *'autorespesquisadores'* que se apropriam e vêem a potência do uso dessas ferramentas como artefato curricular.

Por uma sensibilidade partilhada entendemos que as narrativas trazem memórias e que ambas estão sempre em constante movimento, permitindo deslocamentos permanentes e criativos (Alves, 2019). A transposição destas falas e conversas em produtos sonoros acentua em grande escala a circulação e a criação de novos *'conhecimentossignificações'* e de ficcionalização da vida, pois para Mello (2023, p.198) *"o podcast é visto como lugar de encontro também para o fabrico de táticas, bricolagens,*

artes de dizer e de parodiar. É a “arte de conversar e jogar com o inevitável dos acontecimentos para torná-los habitáveis, como nos indica Certeau (2014, p.49).

Portanto, entre conversas, encontros e invenções ficcionais ou não ficcionais, o podcast é uma rede de afeto que, ao mesmo tempo que se tornou para nós um personagem conceitual, traz consigo outros personagens que nos move em nossa trajetória de autoras-pesquisadoras. Mello (2023, p.217) conclui que, [...] “podemos fazer dele um meio para a divulgação científica e circulação da pesquisa, por ser pura necessidade que a circulação aconteça”. Podemos, ainda, “criar currículos para migrar, atendendo questões sociais que nos chegam às redes educativas.” (CASTRO, 2020)

### CONSIDERAÇÕES FINAIS: por outras poéticas cotidianas

Nos encaminhamos para o final desta conversa, entendendo que pesquisar com os cotidianos é sair da superficialidade vazia, da ordem e da zona de conforto, e mergulhar mais profundo nas belezas do caos e das imprevisibilidades. São nos acasos, naquilo que escapa do nosso planejamento, que encontramos os arpejos que nos movimentam.

As narrativas autobiográficas ao longo destas páginas se apresentam como uma ação e escolha ética e política que se conecta com as imagens, com as artes e com os sons de forma estética e poética, culminando em ‘*conhecimentossignificações*’ que borram as “funcionalidades de um sistema que entuba o pensamento, convertendo-o a mera funcionalidade” (CARVALHO; GALLO, 2022, p. 160) e a ordem estabelecida pelas fronteiras fictícias das disciplinas.

Além disso, acreditamos que é pelas narrativas e conversas que nos conectamos com as tantas outras histórias e memórias daqueles que formam as nossas redes educativas e que ajudamos a formar. É a partir dos encontros que nos afastamos ou nos aproximamos dos outros, mas também de nós mesmos. E é por esse caminho que Fisher (2022, p. 33) nos conduz a pensar que:

Partilhar. Conversar. Rememorar. Narrar. Trata-se de um dever ético. É o que nos sugere Chico Buarque. É o que aprendemos com Walter Benjamin. É o que ouvimos do narrador do filme *Nostalgia da luz*, criação do diretor chileno Patricio Guzmán: “Os que têm memória são capazes de viver no presente. Os que não têm, não vivem em nenhuma parte”. Para Guzmán, não podemos jamais nos furtar a abrir o “grande livro da memória”.

É certo que quando aceitamos mergulhar mais profundamente nesses ‘*espaçotempos*’ de inovações não desejamos mais retornar à superfície. É na profundidade e na potência dos encontros que conseguimos ir além do que nos é imposto como única verdade e permeado de dogmatismos. Que nos (trans)formamos cotidianamente. Que a vitalidade da educação e dos currículos transbordam em curiosidade, diversão, ousadia, exercício das diferenças e afirmação das tantas possibilidades de existências.

Portanto, seguimos com o desejo de que outras vozes, imagens, artes e poéticas cotidianas sejam ‘*vistasouvidassentidaspensadas*’ em prol de uma educação que transborde afetos, coragem, desejos, ousadia e criações curriculares que deslizem da ilusão de controle e se esparrame pelo desejo de explorar e admirar novas paisagens.

### REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p.62-74, Maio/Jun/Jul/Ago, 2003.

ALVES, Nilda. **Práticas pedagógicas em imagens e narrativas**: memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas. São Paulo: Cortez, 2019.

ALVES, Nilda; SOARES, Maria da Conceição Silva; CAETANO, Marcio. Imagens: resistências e criações cotidianas. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 37, n. 2, p. 04–07, 2020. Doi: 10.14295/remea.voio.11625

ANDRADE, Nívea; CALDAS, Alessandra Nunes; ALVES, Nilda. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; SUSSUKIND, Maria Luiza; PEIXOTO, Leonardo (Orgs.).

**Estudos do cotidiano, currículo e formação docente** – questões metodológicas, políticas e epistemológicas. Curitiba: CRV, 2019. p. 19-46.

CARVALHO, Janete Magalhães. Redes de conversações como um modo singular de realização da formação contínua de professores no cotidiano escolar. **Revista de Ciências Humanas**, v. 6, n. 2, p. 281-293, jul./dez. 2006.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

DELEUZE, Gilles. **Não somos pessoas, somos acontecimentos**. Paris: [s.n.], 3 jun. 1980. Publicado pelo canal Rodrigo Lucheta. 1 vídeo. (73 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1CpsFZUBkO8>. Acesso em: 06/10/2020.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; ALVES, Nilda. Conversas em redes e pesquisas com os cotidianos: a força das multiplicidades, acasos, encontros, experiências e amizades. In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmem Sanches (Orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018. p. 41-64.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 2012.

LEITE, César Donizetti Pereira; CHISTÉ, Bianca Santos; CAMMAROTA, Giovani. Fazer morada na infância: imagens de currículos em devir-criança. In: CARVALHO, Janete Magalhães; SILVA, Sandra Kretli da; DELBONI, Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera (Orgs.). **Currículo e estética da arte de educar**. Curitiba: CRV, 2020. p. 115-136.

LIMA, Camila Machado de. **O que eu mais gostei na escola foi do seu cabelo: por uma formação docente infantil e denegrida**. Rio de Janeiro: EDUNIRIO, 2020.

MARTINS, Alice Fátima. Toda criança desenha... Toda criança desenha?! In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). **Cultura Visual e Infância: quando as imagens invadem a escola ...** Santa Maria: EDUFMS, 2010. p. 227-247.

MELLO, Fernanda Cavalcanti. **PODCASTS COMO REDES DE CRIAÇÃO DE AFETOS, NARRATIVAS, CURRÍCULOS COTIDIANOS E...2023**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Processos Formativos e Desigualdades Sociais. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

OSTROWER, Fayga. **Acasos e criação artística**. 9. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos**. Porto Alegre: Bookman, 2011.

TADEU, Tomaz. A arte do encontro e da composição – Spinoza + Currículo + Deleuze. **Educação & Realidade**, v. 27, n. 2, p. 47-57, 2002.

TOJA, Noale. **Movimentos migratórios e seus ‘fazeressesaberes’ culinários nos/dos/com os cotidianos como questão curricular**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

TOJA, Noale; CONCEIÇÃO, Rafaela Rodrigues da; MALHEIROS, Talita. Criações e usos das Artes como tecelãs de ‘conhecimentossignificações’ curriculares. **Série-Estudos**, v. 26, n. 58, p.265-284, 2021.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).